

PÊNFIGO

Ardecton Júnior do Nascimento Silveira¹, Fernanda Helen Nogueira de Sousa¹, Inara Saborido Viana Azevedo¹, Lisandra Marques¹, Natália Moreira da Silva¹, Paola Barbosa da Costa¹, Thamires Kathleen Alves da Silva¹ e Guilherme Guerra Alves².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A presente revisão de literatura apresenta de forma expandida a doença do pênfigo, uma doença autoimune que ataca o sistema tegumentar de algumas espécies, elucidando o seu desenvolvimento, a atuação de agentes patogênicos como possíveis desencadeadores da doença, sinais clínicos, diagnóstico e o tratamento. Enquadrando-a no tema aplicação da microbiologia e imunologia na rotina veterinária, tomando como base artigos científicos e estudos em sala.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para desenvolvimento do resumo foi a análise de textos, artigos produzidos por médicos veterinários especializados em dermatologia, que abordam as doenças do complexo Pênfigo.

Ademais com finalidade de embasar o presente, perquiriu o relatório de estágio supervisionado de uma acadêmica como apresentação da sua conclusão de curso, onde a mesma acompanhou casos de Pênfigo nos hospitais veterinários, os quais estagiava, e na ocasião relatou o quadro clínico, exames e tratamentos adotados, bem como, os prognósticos.

RESUMO DE TEMA

O Pênfigo é uma dermatose autoimune, que pode ser desenvolvida por humanos, cães, gatos, equinos, ovinos e caprinos. É uma doença que acomete o tecido epitelial em suas várias camadas, ocasionando distúrbios cutâneos vesículo-bolhosos, erosivos e ulcerativos. O termo “Pênfigo” deriva do grego *Pemphix*, cuja tradução refere-se a bolha, e por extensão, doença bolhosa (BARRETO, 2012)4.

Os queratinócitos são células produtoras de queratina que estão presentes em grandes quantidades na epiderme, ficam justapostas, ligadas entre si por desmossomos, estes por sua vez, possuem estruturas de natureza proteicas denominadas de desmoplaquina, desmogleína do tipo 1, desmogleína do tipo 3 e desmocolina. Nessa patologia, ocorre a degeneração das proteínas do desmossomos e o descolamento dos queratinócitos ocasionando a acantólise.

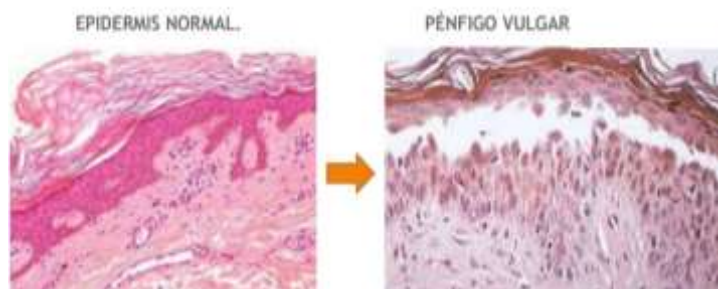


Figura 01 - Comparação da epiderme em situação normal em relação com a mesma acometida pelo pênfigo vulgar (WACHHOLZ et al, 2022).

De acordo com a camada da acantólise intraepidérmica, a patologia pênfigo é subdividido em: pênfigo foliáceo e eritematoso, ocorrendo na camada granulosa ou subcorneal, onde ocorre a destruição dos desmossomos por autoanticorpos (anti-desmogleína 1 e anti-desmocolina) e pênfigo profundo ou vulgar, lesionando camadas mais baixas da epiderme, mais especificamente no extrato suprabasal, com a ação dos autoanticorpos anti-desmogleína 3 e a desmogleína 1. Estes autoanticorpos são da classe de imunoglobulinas G (IG1 e IG4), produzidos por plasmócitos (células diferenciadas a partir do linfócito B e especializada na produção de anticorpos).

O mecanismo eliciador da anticorpo-gênese não está totalmente elucidado. A predisposição genética parece ser fator importante no desenvolvimento

da autoimunidade, fato este que explicaria a maior incidência em certas raças (BALDA, 2002) 2, como Akitas, Chow Chow, Doberman Pinschers e Dachshunds (BARRETO., 2012) 4. No entanto, outros fatores também são arrolados como possíveis desencadeadores, como por exemplo os agentes patogênicos. Nessa hipótese, com a fagocitose do microrganismo pela célula, ocorre uma coestimulação dos linfócitos autorreativos, através de coestimuladores denominados CD8 e B7, tornando-os ativos e desencadeando a doença autoimune ou, através do mimetismo, onde os peptídeos do microrganismo se acoplam as autoproteínas das células do organismo fazendo com que, por semelhança, as células de defesa acreditem que elas são substâncias estranhas e comecem a combatê-las.

O diagnóstico do pênfigo se dá pela anamnese e exames complementares como a raspagem cutânea, swabs para citologia e biópsia. Na análise do microscópico, normalmente revelará “células de tzank”, os quais são queratinócitos acantolíticos, com grande número de neutrófilos degenerados e/ou eosinófilos.

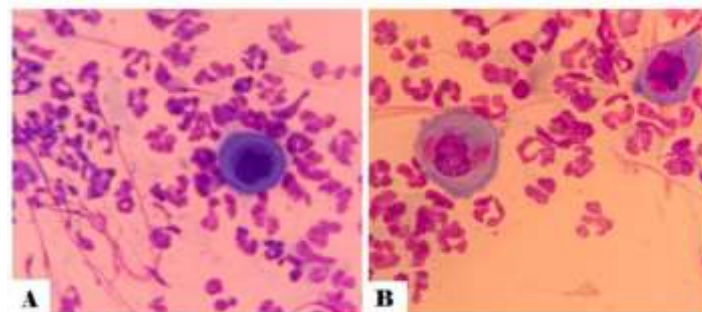


Figura 02 - Células de TZANK analisadas em microscopia óptica. Em (A) observa-se um queratinócito que sofreu acantólise, sendo que inclusive suas bordas estão com um tom de coloração mais intenso, devido a este processo. No fundo da lâmina há grande presença de neutrófilos, alguns inclusive degenerados. Em (B) verifica-se dois queratinócitos em lados opostos devido a acantólise. (WACHHOLZ et al, 2022).

No animal que desenvolve o Pênfigo, aparecem ao longo do sistema tegumentar lesões crostosas e pústulas; alopecia difusa, hiperqueratose nas narinas e coxins, podendo inclusive afetar mucosas, e sinais sistêmicos como febre, apatia e perda de apetite.



Figura 03 - Presença de pústulas, crostas, alopecia e hiperqueratose nos membros inferiores em um animal da espécie canina, diagnosticado com pênfigo foliáceo (BARRETO, 2019).

RESUMOS CIENTÍFICOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA – UNIVERSO BH



A terapia ortodoxa para as doenças do complexo pênfigo consiste em doses diárias imunossupressoras de glicocorticóides (BALDA, 2002) 2, o mais utilizado entre os fármacos é a prednisolona ou prednisona, que atuam inibindo a migração leucocitária para o sítio de inflamação e a proliferação dos linfócitos B. Inicia-se o tratamento com doses altas, pelo período de 14 dias, e após a melhora nos sinais clínicos, é reduzida. Também são utilizados tratamentos tópicos, shampoos e sabonetes a base de enxofre e vitamina E, para alívio do processo inflamatório, hidratação da região lesionada e remoção das crostas.



Figura 04 - Antes e depois de um buldogue após o tratamento oral e tópico (ARAÚJO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse resumo expandido apresentou o Pênfigo como uma das doenças autoimunes dentre um leque de outras doenças que podem acometer o sistema tegumentar de cães, gatos, equinos e ovinos, enquadrando-o na aplicação da microbiologia e imunologia no dia-a-dia dos médicos veterinários, bem como, apresentar uma doença rara e elucidar os sinais clínicos que são observados.

Destarte, explanar sobre os principais exames adotados por profissionais da medicina veterinária para chegar a um diagnóstico preciso e os tratamentos através de ingestão de fármacos imunossupressores de glicocorticóides e como esses atuam no sistema imune, evitando que os autoanticorpos destruam as células do organismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAUJO, Adjanna Karla Leite Araújo. Pênfigo Foliáceo canino: relato de caso. PUBVET, v. 13, n. 1, a 444, p. 1-9, Novembro 2019.
2. BALDA A.C, Otsuska M, Michalany N.S. & Larsson C.E. 2002. Pênfigo Foliáceo em cães: levantamento retrospectivo de casos atendidos no período de novembro de 1998 a Julho de 2000 e de respostas aos protocolos de terapia empregados no Hospital Veterinário da USP. Revista Brasileira de Ciência Veterinária, 9:97-101.
3. BARBOSA et al. Patofisiologia do pênfigo foliáceo em cães: revisão de literatura. Medicina Veterinária, Recife, v. 6, n.3, p. 26-31, jul-set , 2012.
4. BARRETO, Giovana Meireles Fixina. Pênfigo Foliáceo em cão: relato de caso. 45 Folhas. Trabalho de conclusão de curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal Rural do Semi Árido, Mossoró-RN, 2019.
5. CAVALCANTI. Aline Antas Cordeiro. Pênfigo Foliáceo em uma ovelha. Semina: Ciências Agrárias, Londrina, v. 40, n.2, p. 1001-1004, mar/abr. 2019.
6. FILHO, J. P Oliveira, GONÇALVES R. C., AMORIM S. B. Chiacchio et al. Pênfigo foliáceo em equino: relato de caso. Arq. Bras. Med. Vet Zootec, v. 59, n. 5, p. 1132-1136, 2007.
7. LIRA, Nathalia Maira Martins. Pênfigo Foliáceo em felino: relato de caso. 40 Folhas. Trabalho de conclusão de curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2021.
8. MONTEIRO, Gabriel Augusto et al. Pênfigo Foliáceo em um equino. Ciência Rural, Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 594-598), março-abril, 2007.
9. PEREIRA, Mariá Mendes. Pênfigo: relato de caso. 25 Folhas. Trabalho de conclusão de curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Formiga-UNIFOR-MG, 2017.
10. WACHHOLZ, Péter de Lima et al. Pênfigo Foliáceo em um cão-relação clínica, citopatológica e histopatológica. Research Society and Development, v. 11, n. 2, e23611225683, 2022 (acc by 4.0)/ISSN.